VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO I — N.º 38 — PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 5 DE FEVEREIRO DE 1942

O SR. GENERAL CARMONA que, no próximo dia 8, vai receber a entusiástica consagração do eleitorado de todo o País, recebeu há dias os srs. drs. Albino dos Reis, Aguedo de Oliveira, Madeira Pinto e Sebastião Ramires, da Comissão Executiva da U. N., que foram solicitar a sua assinatura no documento da apresentação da sua candidatura à Presidência da República. A foto dá-nos um aspecto da cerimónia.

# CALÇADA DA GLÓRIA

### SINFONIA DE ABERTURA

*DIZIA em 1552 a Estatística manuscrita de Lisboa: «Vêm à cidade mil homens e mulheres pobres que andam pedindo esmola, e têm-no por ofício, de que tiram muito dinheiro para suas manteças». Foram escritas estas palavras há 390 anos. Pois bem. Êste número quintuplicou pelo menos até hoje, e se os mendigos agregados em confrarias já não concorrem a actos públicos com as suas insígnias de canas verdes, nem armam as suas tendas, ao sol, no adro da Misericórdia, continuam, entretanto, como os seus arqui-avós seiscentistas a cultivar a tradição de pedir esmola nas ruas. Pede-se muito por necessidade? Sem dúvida. Mas pede-se também muito como profissão. Fialho de Almeida costumava contar um episódio que vale o melhor de todos os comentários. Um dia o autor dos Gatos foi abordado por um homem ainda novo, robusto, regularmente vestido que se descobriu perante êle e lhe pediu esmola.*

*— Porque não trabalha o senhor? — inquiriu Fialho.*

*— É que tenho mulher e quatro filhos...*

*— Por isso mesmo.*

*Logo o pedinte, com a maior naturalidade do mundo:*

*— Mas, como eu ia dizendo a V. Ex.ª, tenho mulher e quatro filhos a trabalharem por mim...*

### FILARMÓNICAS

ALBINO Lapa publicou recentemente um pequeno trabalho em que se faz a história das bandas. Em certa página, vêm reproduzidas três figuras de tocadores egípcios do tempo da construção das Pirâmides e que Albino Lapa resumiu, elucidando: *Banda do tempo dos Faraós.* Há dias João Bastos, apreciando a gravura e a legenda, exclamou, com visível propriedade:

— Não há dúvida! É a Incrível Faraònsense!

### QUESTÕES MORAIS

TEM-SE debatido nos últimos tempos êste melindroso problema moral: será imoral as artistas de revista aparecerem no palco com o umbigo à mostra? Há quem afirme que sim e — *c'est l'eternelle chanson* — há quem afirme que não. Pela parte que me toca, prefiro não me pronunciar em assunto tanto umbiguo...

### MALHERBE

UM dia o célebre poeta Malherbe foi almoçar a casa do Arcebispo de Rouen e adormeceu depois do almôço. Como o prelado tinha de prègar nessa tarde, acordou-o e convidou-o a ouvir o sermão.

Imediatamente Malherbe, lembrando-se de que o arcebispo não era um grande orador, respondeu, escondendo um bocejo:

— Dispense-me, Vossa Reverência, que eu durmo mesmo sem o ouvir...

### O JÔGO DA POLÍTICA

NOTANDO o padre António Vieira que na côrte de D. João IV se colocavam à margem muitos homens de incontestável valor, confidenciou, um dia, a certo ministro:

— Quem vir os nossos descartes há de imaginar que temos bom jôgo.

## UM PERFIL AQUILINO

**Aquilino Ribeiro representa a Beira no Chiado. Ao vê-lo, às tardes, na «Bertrand», tem-se infalivelmente a impressão de que Aquilino, chegado pouco antes de Soutosa, vem retomar o seu pôsto diplomático junto da República das Letras. Fresco, risonho, admirável, respirando a plenos pulmões, fôrça, energia, saúde, vigor, nada mais parecido com êle do que a sua prosa. Quem o vir ou quem o ler não pode deixar de ter a sensação de quem respira fundo. Cheira, ao mesmo tempo, a urse, a pinhais — e a pão de milho. Um dia preguntámos-lhe qual era a sua essência predilecta. Não hesitou na resposta: — «A alfazema». Está psicològicamente definido o homem. Literàriamente, à prosa-boudouir, à prosa chá-das-cinco, à prosa flor de estufa prefere a prosa-ar livre, a prosa-janela aberta. Decerto por isto mesmo, o autor da «Via Sinuosa» e das «Terras do Demo» vive, nos arredores de Lisboa, numa casa viçosa e convidativa, a casa de Santa Catarina, em que a luz entra a jorros, cada manhã, como se fôsse a própria auréola do escritor. Existiu, em tempos, um Aquilino Ribeiro, revolucionário e façanhudo, de bigodes, com um chapéu mole repuchado aos olhos, e que era o terror dos burgueses na pacata Lisboa de há 34 anos, mas cremos que êste Aquilino (que a História conserva naturalmente com naftalina no seu opulento guarda-vestidos) não tem nada de comum com o actual Aquilino, sorridente, tranquilo, de cara rapada, membro da Academia, romancista até à medula, e para quem a Literatura constitue, não apenas a sua profissão, mas a sua quási exclusiva devoção. A êste Aquilino devem as nossas Letras algumas das suas páginas mais castiças. Presenteando-nos freqüentemente com um volume que se lê e relê dum fôlego, atingiu um lugar de que não é fácil desbancá-lo. Conquistou-o a golpes de talento. Conserva-o, de pena vigilante, como se fôra uma sentinela espiritual de si próprio. É um triunfador. A sua «Via Sinuosa» chama-se hoje «Via Láctea». As suas «Terras do Demo» converteram-se em «Terras de Apolo». O seu «Jardim das Tormentas» é hoje para êle, ao menos literàriamente, o «Jardim das Delícias».**

### RAPÉ

«— PERMITA-ME, minha senhora — dizia, uma tarde, o primeiro Balzac, pedindo a uma senhora uma pitada da sua caixa — que as minhas extremidades digitais se insinuem nas vossas tabáquicas concavidades para daí extrair êsse pó subtil que dissipará os humores aquáticos do méu cérebro alagadiço».

### ESPERANÇA

O distinto economista Anselmo Vieira escrevia recentemente no *Corvo* — risonho e simpático jornal dos estudantes de Évora — que a humanidade, a despeito dos grandes cataclismos sociais que, por vezes, a subvertem, progride sempre, e, assim, cêdo ou tarde, o património legado por gerações, mais ou menos prósperas, desentulha-se das ruínas que o escondiam e vem juntar-se ao trabalho das gerações posteriores.

Eis uma consoladora esperança de que a *Calçada da Glória* será eterna.

### DR. REINALDO DOS SANTOS

NA última récita dos quintanistas de Medicina realizada no *Ginásio*, um dos futuros estudantes fêz uma imitação esplêndida do professor Reinaldo dos Santos. No dia seguinte um colega dêste professor encontrou o estudante que imitara aquele e disse-lhe com o melhor sorriso do mundo:

— O senhor excedeu o original!

### VISITAS DE CERIMÓNIA

NÃO há nada mais agradável no mundo do que uma visita de cerimónia — pelo prazer que nos dão quando se vão embora...

### A CRISE DOS ABASTECIMENTOS

AS donas de casa queixam-se, e com razão, duma tremenda crise de comestíveis. Não se encontram muitas coisas e muito do que aparece é caríssimo. Há uma maneira muito simples de resolver o problema. Como? — preguntar-se-á. Com uma simples dicionário. Folheiem V. Ex.as um dicionário e lá encontrarão açúcar, vitela, bacalhau, carvão, peixe de tôdas as qualidades, etc., etc.... Experimentem — que lhes não levo coisa alguma pela ideia.

### NAPOLEÃO E OS APÓSTOLOS

QUANDO Napoleão entrou, vitorioso, em certa cidade de Itália, apresentou-se-lhe a irmandade de certa freguesia pedindo-lhe, com muito empenho, que tomasse os seus doze Apóstolos, verdadeira relíquia da confraria, debaixo da protecção imperial.

— De que são os Apóstolos? — preguntou Napoleão.

— De prata maciça, senhor.

— Pois então — exclamou o imperador — não me limitarei a tomá-los sob a minha protecção: quero ajudá-los a cumprir a sua missão na terra. Eu os farei andar por êsse mundo...

E não tardou muito que não mandasse os doze Apóstolos para a Casa da Moeda, de Paris.

Luís d'Oliveira Guimarães

# Vida PORTUGUESA

EM CIMA: O ENFERMEIRO-MOR com os novos internos dos Hospitais Civis que tomaram agora posse dos seus lugares.

EM CIMA: O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA visitando o Salão Internacional de Arte Fotográfica em exposição na S. N. de Belas Artes.

EM CIMA: Os assistentes ao banquete de homenagem ao sr. Valente Costa oferecido pelo pessoal do Cais do Jardim. À DIREITA: O reitor do Liceu Camões, membros do corpo docente daquele estabelecimento de ensino e outras individualidades que assistiram ao banquete oferecido aos professores drs. Alves dos Santos e Ramos e Costa

# panorama internacional

# Horas altas

por Francisco Velloso

DE camaroeiro ao alto, segundo vélha expressão de noticiaristas, eis que, quási em rajada, passam por nós os grandes acontecimentos desta fase de transformação da guerra que abre para as suas decisões: — o final da Conferência do Rio, o debate nos Comuns, a descida dos primeiros corpos expedicionários americanos em território europeu. Quási até há pouco, ao rever se, em balanço, activos e passivos da política internacional, deparava-se um axioma: — o seu eixo estava no *Eixo*. Agora o eixo desloca-se do *Eixo*. Não há trocadilho de palavras. Há uma realidade de momento na sucessão dos factos. Por isso assim se regista, como tal, seja qual fôr o resultado do litígio mundial.

### A DECLARAÇÃO DO RIO

OSWALDO ARANHA

A Conferência do Rio foi oficialmente encerrada no dia 29 de Janeiro.

Recordado o resumo que fizemos da sua génese e das posições dos contratantes do bloco pan-americano, é agora altura de fixar as três grandes resoluções saídas do gigantesco agrupamento de potências.

Em primeiro lugar, a declaração conjunta, que é assim concretizada, nos seguintes termos que devem ser integralmente reproduzidos, dado o seu carácter histórico:

*1.º — As Repúblicas americanas reafirmam a sua decisão inabalável de considerar todos os actos de agressão cometidos por um Estado extra-continental contra uma delas como acto de agressão contra tôdas, e como constituindo ameaça imediata contra a liberdade e a independência das Américas.*

*2.º — As Repúblicas americanas reafirmam a sua completa solidariedade na sua decisão de cooperação com vista à protecção recíproca até que desapareçam os efeitos da agressão actual.*

*3.º — As Repúblicas americanas, em aplicação dos princípios estabelecidos pelas suas leis internas e tomando em consideração a posição e as circunstâncias em que se encontra cada país em relação ao conflito actual, recomendam o corte de relações com o Japão, a Alemanha e a Itália, porque um dêstes Estados atacou um país americano e os outros dois declararam-lhe a guerra.*

*4.º — As Repúblicas americanas declaram em conclusão que, antes de restabelecerem as relações em questão, consultar-se-ão entre si de maneira que a sua decisão tenha carácter de solidariedade.*

O delegado boliviano, Matienzo, ao ler êste documento, concluiu: «Perdemos em vigor para ganharmos em coesão». De facto, quási à última hora, o texto mais enérgico que os Estados Unidos haviam defendido, e que formulava quási um compromisso de coligação aliada, houve de ser retirado para que a arte de Oswaldo Aranha tirasse o que acima se lê, a-fim-de poder obter-se a assinatura da Argentina e do Chile.

Isto, porém, não redundou senão em nova fôrça, porque muito mais importante foi a coligação do bloco económico americano, quer como hostilização aos países do *Eixo*, quer pelo auxílio mútuo internacional das nações do continente, auxílio efectivo, do qual a abolição temporária das barreiras aduaneiras é a expressão mais forte. Romperam já relações diplomáticas com o *Eixo* o Brasil, o Uruguai, o Chile, a Bolívia e o Paraguai. Mas o bloco económico, êsse, é que ultrapassa todos os efeitos políticos. O dr. Funk encontraria agora um novo *leit-motif* para conclamar o bloco económico europeu, se no seu plano êle não houvesse por condição a hegemonia prevalecente do seu país, e se, entre a Europa e o bloco americano, não existisse a ligação poderosíssima de Washington a Londres e (oxalá que isto não seja esquecido desde já) a do Rio de Janeiro a Lisboa que tem de ser, em conseqüência da latitude do Itamaraty, por assim dizer paralela àquela.

A terceira resolução vem efectivamente alinhar também por as duas primeiras.

Pretendera-se que a Conferência do Rio apoiasse resolutamente a *Carta do Atlântico*. À oposição argentina e chilena, juntou-se a do Brasil. Aqui, surgiu inegàvelmente o espírito americano, autónomo e cioso. E em vez da adesão àquela, apareceu a *Carta do Rio*, título que poderá encimar todo o trabalho ingente e grandioso da Conferência, e que se baseia nestoutra declaração principal:

*«As nações americanas tomam nota da Carta do Atlântico e manifestam ao presidente dos Estados Unidos a sua satisfação pela inclusão, neste documento, dos princípios que fazem parte do património jurídico americano, de conformidade com a convenção sôbre os direitos e as obrigações dos Estados, proclamada na Conferência Pan-Americana de Montevideo, em 1933».*

A reünião dos estados maiores, imediata em Washington ou no Rio, veio como corolário. O govêrno norte-americano concluiu já acordos com dezasseis nações da América Latina, prevendo a suspensão mútua das tarifas aduaneiras e doutras barreiras comerciais. Esta série de acordos faz parte dum grande programa económico tendente a garantir a produção de guerra máxima. Os acordos referidos, válidos pela duração da guerra, prevêem a utilização ilimitada dos recursos dos países signatários, numa base cooperativa, tendo em vista garantir a segurança de cada um, individualmente e em bloco. Cada país aumentará a produção das matérias primas que melhor convenham à sua economia.

Outra ordem de resoluções dá o relêvo exacto da extensão da conferência: — recomendando a supressão das comunicações radiotelegráficas e radiotelefónicas com as nações agressoras e os territórios ocupados, assim como a rigorosa fiscalização das telecomunicações, com eliminação dos postos de «rádio» clandestinos; manutenção das relações diplomáticas entre as nações americanas e os países ocupados, aceitando a emenda, proposta pelo México, segundo a qual essa manutenção de relações se deve manter sòmente «quando aqueles governos não cooperam com as nações agressoras».

Depois da ocupação da maior parte da Europa pela Alemanha, depois da vitória da R. A. F. sôbre o assalto alemão à Inglaterra, depois da invasão da Rússia e da batalha do Pacífico, a Conferência Pan-Americana do Rio é o acontecimento magno da guerra, para o nosso tempo e para o futuro das relações políticas e económicas do Mundo. A Alemanha encarou-o com hostilidade legítima, olhando ao seu interêsse no conflito. Mas êle vai muito para além dêsse horizonte restrito. Sob muitos pontos de vista, quando doravante se falar nos Estados Unidos temos de nos lembrar de que o bloco americano é uma das primaciais realidades do Mundo, e de que se o totalitarismo foi e ainda é parcialmente uma febre europeia, a liberdade é integralmente uma radiação pujante da América oferecida aos direitos dos povos.

### NA LÍBIA E NA RÚSSIA

ROMMEL

No espaço de tempo que mediou entre as decisões primaciais da Conferência pan-americana e a actualização destas rápidas glosas dos acontecimentos, acentuou-se tôda a tendência de contôrno que êles vêm marcando, numa fase acidentada e porventura enervantemente demorada de transformação, mas inequívoca.

Largo balanço tomou a campanha da Líbia. Quando às tropas de Auchinlek, sob o comando directo de Ritchie, pareciam resfolegar às margens do golfo de Sirte, Rommell—a quem Churchill intitula de grande general—reforçado por frescos e novos contingentes em gente e material, que, a coberto de formidável bombardeamento da base de Malta, os alemães puderam trazer-lhe por mar e pelo ar, repetiu, embora em menor escala, a sua façanha anterior contra Cunningham, perfurando as linhas inglêsas em profundidade que, segundo rezam os comunicados, se mediu por cêrca de 200 quilómetros. Reacção de contraofensiva ao avanço britânico pela Cirenaica, ou desembaraçado gesto para desafogar o apêrto que dêsse avanço derivava, mostra-se que houve no ataque de Ritchie um momento de colapso que o talento de Rommel aproveitou para salvar, em Bengazi e em Tripoli as bases de abastecimentos da batalha que prende importantes efectivos britânicos na África do Norte. Por onde lhe chegaram êsses abastecimentos? Pelo ar, sem dúvida, mas também por mar a coberto das costas francesas, como se verá, pois as negociações Berlim-Vichy vão assás adiantadas, segundo telegramas publicados a 29 de Janeiro. E o resto compreende-se com facilidade.

Por outro lado, a batalha da contra-ofensiva russa assume agora proporções tais que já se torna inútil chamar-lhe simples série de reacções em esbôço. A descida de Leninegrado a Novgorod, a de Viazma a Esmolenco, a assomada à linha de Orel, Kursk e Karkov, o empenho na Crimeia e ao longo do Mar de Azov, desenham objectivos de tal monta que Hitler, em pleno inverno, houve de renunciar a qualquer possibilidade de estabilização, e de lançar à fornalha tôdas as fôrças. Se a invasão da Rússia foi caso sério, a contra-ofensiva de Timochenco com recrescidos efectivos não o é menos. Um êxito russo modificaria a carta alemã da Europa, num momento em que o pacto da Grécia, da Checo, da Iugoslavia e da Polónia, fitando e contando com a amizade eslava da política externa de Moscovo desenha, pela primeira vez depois da eclosão da guerra, um novo mapa balcânico representando, sobretudo contra a Bulgária, a desforra das vitórias alemãs do primeiro semestre do ano passado. É ainda uma projecção das conferências de Eden com Estaline. E como é natural, com a simpatia de Ankara.

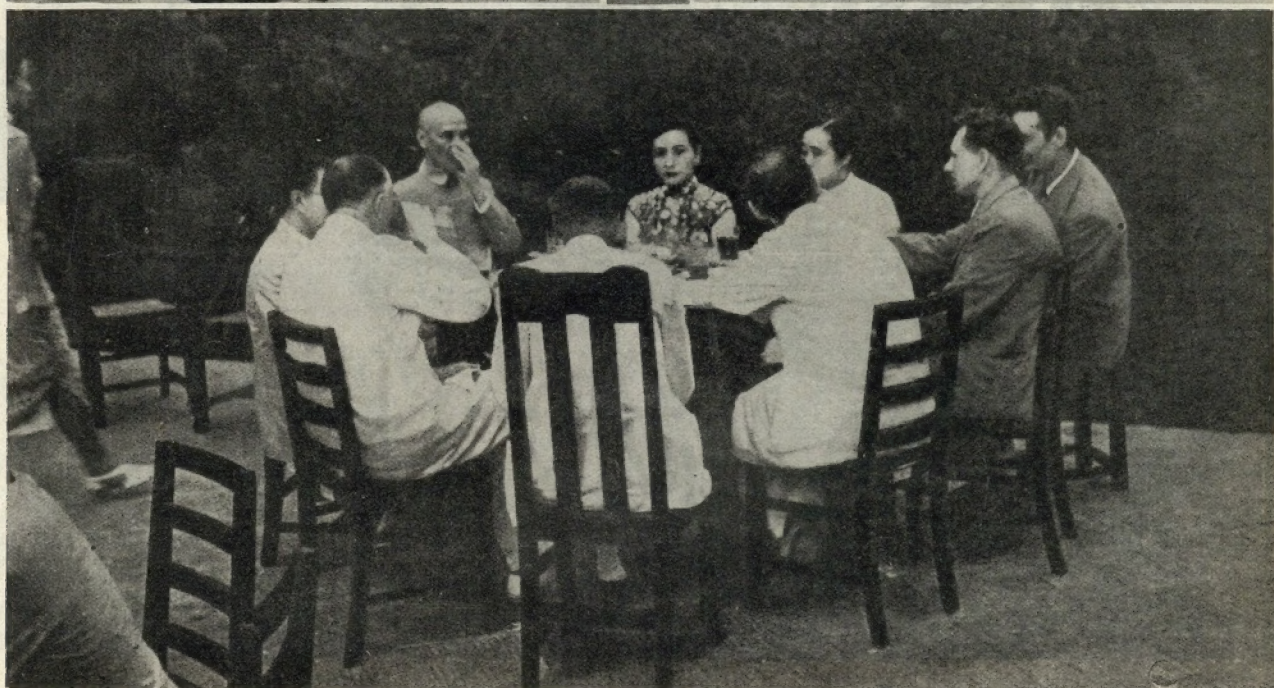
### O DEBATE NOS COMUNS

CHURCHILL

Êste entremeio de sucessos fecha na oitava com um sensacional acontecimento: — o debate nos Comuns sôbre a condução da guerra.

Por mais de uma vez nos temos referido às crises de enervamento desgastante que fazem marulhar e espumejar as retaguardas dos grandes e pequenos países, beligerantes ou não, à medida que a guerra se prolonga. Nenhum dêles, no campo do *Eixo* e no campo dos Aliados, escapou

*(Continua na pág. 8)*

# A CHINA prepara novos exercitos

EM CIMA: Vários aspectos da preparação militar dos novos exércitos chineses: A instrução na Academia Militar de Whampoa aos graduados que hão-de tomar os lugares de comando à frente das divisões de Chang-Kai-Chek. — Cadetes, dos dezoito aos 25 anos, conduzindo metralhadoras e munições durante uma parada em Bent-Knee. — O pequeno almôço dos soldados e oficiais em treino de guerra nos arredores de Xung-King. EM BAIXO: O generalíssimo Chang-Kai-Chek e a espôsa durante um almôço diplomático servido, por precaução contra os «raids» aéreos, nos jardins duma sua propriedade isolada. Na foto, vêem-se o dr. Tai-Chi (Primeiro Ministro), o embaixador norte-americano Clarence Gauss, o embaixador inglês Sir Archibald Clarke-Kerr e o embaixador russo Penushkin.

# MANHÃ

LISBOA acordou há pouco e o sol inunda-a já de alegria. As casas da colina, encharcadas de luz, olham o Tejo. Assim viu a cidade nesta linda manhã o artista fotográfico F. Marques da Costa.

**LISBOA** brilha outra vez. E os seus monumentos e palácios adquirem nova beleza à luz dos projectores que os iluminam em noite de festa.
(Fotos Jorge Garcia)

# HORAS ALTAS

Por FRANCISCO VELLOSO

*(Continuação da pág. 4)*

Recordando-se a série de malôgros que no Oriente pôs a calvo a desorganização norte-americana e a insuficiência inglêsa de efectivos, temos encontrado a chave dêsse debate no primeiro parlamento do Mundo.

E depois de se ler com muita atenção o estupendo discurso de Churchill há-de render-se o espírito ante esta verdade indesmentível: — só um povo como o inglês podia agüentar a prova, só um parlamentar de primeira grandeza podia sujeitar-se a ela e vencê-la com enorme prestígio, debaixo do fogo das oposições declaradas, dos murmúrios desorientadores, por uma votação que afinca definitivamente Winston Churchill no poder por 464 votos contra um, sendo êste último voto indispensável duma regra parlamentar.

As afirmações de Churchill, quer ao abrir o debate, quer a encerrá-lo, não podem ser reproduzidas. Guardam-se para a história. Êsses dois discursos constituem um drama violento com um personagem dominador: — o Primeiro Ministro, drama intensivo da consciência cívica do povo britânico. Os ecos reboantes do acontecimento em todo o Mundo provam que em todos os quadrantes êle foi sentido como na própria Inglaterra, à vibração dos seus lances, na ansiedade que o agitou, no seu desfecho espantoso. Nunca talvez um homem, desde Pitt, o segundo, subiu tão alto, desde as guerras napoleónicas.

O primeiro e importante contingente americano acabava de desembarcar na Irlanda do Norte saüdado por Sinclair. De Valera formulou contra o facto um protesto sem nexo e impolítico que veio cavar ainda a separação da Ilha Verde, pois o núcleo originàriamente escossês de Belfast rezingou com vantagem invocando o direito da sua autonomia. Roosevelt anunciara a 27 que já há dispersos no Mundo dez núcleos expedicionários americanos.

Êste facto deu à Inglaterra as certezas de que os Estados Unidos haviam mudado e estavam na Europa e de que a sua entrada na guerra deixara de ser uma questão de princípio expressa em palavras.

Quando Churchill confessou rudemente, brandindo com suma arte a sua melhor arma, os malôgros e os desaires, trazia ao debate o fundo escuro de um quadro em que se projectavam fachos de claridade viva: — o aumento da produção de guerra, as primeiras e vigorosas resistências à invasão nipónica, os sucessos no leste europeu, o panorama da guerra transformado.

Virão piores dias. Churchill mostrou ao Mundo o que visìvelmente não queria mostrar: — o segrêdo da Inglaterra, sòzinha, haver afrontado e podido jogar a guerra, sem lhe ser possível estar em fôrça em tôda a parte. Por isso êle disse que os dias de hoje lhe lembravam os dos meses seguintes a Dunquerque — com a vitória das primeiras esquadrilhas aéreas inglêsas. Então êle lançara a divisa famosa: — nunca tantos deveram tanto a tão poucos. Não é exagêro parafrasear, ao cabo de dois anos e meio de guerra, a respeito das resistências britânicas, que nunca tanto foi feito com tão pouco... e bem.

## DISCURSO AOS ALEMÃES

*HITLER*

Sôbre o discurso parlamentar de Churchill veio no dia 30 o de Hitler, na data comemorativa da ascensão do seu partido ao poder. Se o primeiro ministro inglês corajosamente fêz, para a opinião britânica, as liquidações da sua atitude na condução da guerra, o *Führer* em Berlim proferiu uma das suas orações mais perfeitas e de alto valor histórico que podem igualmente considerar-se — na hora em que surge o bloco das Américas, e em que no Pacífico, com as batalhas de Macassar e de Singapura, a guerra entra em reacções importantíssimas — verdadeiras liquidações das suas responsabilidades na chefia do Terceiro Reich.

As retaguardas fizeram ouvir clamores. Os dois homens, os dois rivais dominadores, voltam-se para elas a dizerem de sua justiça.

Hitler, ao contrário de Churchill, não explicou desta vez as razões dos seus actos militares nem o curso dos acontecimentos. Ao de leve tocou, por mera e assás indirecta referência, na substituïção dos comandos pelo seu único e total. A Campanha na Rússia inspirou-lhe sòmente palavras animosas para justificar que o seu exército passasse à defensiva e prometer que chegada a primavera, retornaria ao ataque a fundo.

A campanha na Líbia não lhe serviu senão para elogiar, como justo é, a contravolta feliz das armas de Rommell às portas da Cirenaica. A guerra no Pacífico deu-lhe aso a exaltar, como cumpria, o arranco japonês pelo qual se felicitou em especial por o haver dispensado da iniciativa de declarar guerra aos Estados Unidos. Do futuro da guerra, nem um sôpro.

Hitler colocou-se de mais alto. Historiou a razão da guerra — desta guerra que, no seu pensamento, é a continuação da de 1914, ambas originadas pela sanha inglêsa de estrangular a Alemanha e cortar a sua evolução histórica de reintegrações sucessivas das *marcas* limítrofes e das zonas económicas de expansão vital, indispensáveis à unidade do Reich.

Disse à Alemanha que sofre, o que o nacional-socialismo realizou no campo social, atacando com especial relêvo e intenção a chamada República de Weimar, a democrasia de Ebert a Hindemburgo e os regimes anteriores em que ela se revelou. Resposta a objecções no campo de crítica política, como as de Churchill no terreno dos factos? Assim nos parece antes o seu discurso aos alemães, vibrante como uma página de Fichte. Por isso mesmo se esclarece que à Conferência do Rio não desse atenção directa. Foi para os alemães que êle disse que não exigiu «que a ideia nacional-socialista se difunda no estrangero» visto que êle não vive para «se preocupar com a felicidade dos outros povos», senão com a do seu próprio. E foi para os alemães que lançou estoutras palavras que relembram as negativas do *Schwarzer Korps* a respeito da defesa da Europa contra o bolchevismo, e as de Goebbels há poucos meses: «Como esta guerra terminará, não sei. A guerra terminará? Não sei. Mas há uma coisa da qual estou certo: onde surgir um inimigo nós o bateremos durante êste ano».

A Alemanha de Hitler está hoje nestas expressões.

O NOVO MINISTRO DA ROMÉNIA EM LISBOA, Victor Cadere, à porta do Palácio de Belém, após a entrega das suas credenciais ao Chefe do Estado.

# A contra-ofensiva do general Rommel no norte de ÁFRICA

O GENERAL ALEMÃO ERWIN ROMMEL, comandante das tropas germano-italianas em operações no norte de Africa, que lançou agora, a partir de Jedábia, uma vigorosa contra-ofensiva e de quem o Primeiro Ministro inglês, Churchill, disse no seu recente discurso da Câmara dos Comuns: «Temos na nossa frente um inimigo ousadíssimo e, se me é permitido dizê-lo em plena batalha, um grande general, Rommel recebeu certamente reforços e está, nêste momento, a travar-se uma nova batalha». A foto mostra-nos o grande militar alemão, com o seu Estado Maior, num pôsto de observação da Cirenaica.

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

## capitulo V * A guerra relampago

### 1

### A INVASÃO DA NORUEGA

COM o alvorecer da primavera de 1940, tornou-se evidente que o Reich, cuja preparação militar se intensificara ao longo de um inverno tranqüilo, se preparava para atacar. As fintas tinham-se multiplicado em termos de criar uma confusão permanente em Londres e em Paris. Tinham-se esboçado tentativas junto à fronteira da Bélgica e da Holanda. A linguagem usada pela diplomacia alemã nas capitais balcânicas não era amena. A pressão económica, que aumentava em Bucareste e em Belgrado, constituia um indício que os dirigentes franceses e inglêses seguiam atentamente. Ao mesmo tempo, a animosidade latente entre a Alemanha e a U. R. S. S., longe de diminuir, agravara-se com a campanha da Finlândia.

Onde ia a Alemanha atacar? Os serviços de informações nos países interessados funcionavam de maneira deficiente. Apenas um ou outro homem de Estado tinha a noção do que efectivamente se preparava. Um ataque frontal à linha Maginot parecia impossível. Mas o Estado Maior alemão não se resignaria por certo a uma longa inactividade. Não estava isso nos seus métodos nem na sua tradição.

Entre todos, Winston Churchill denunciava o seu pensamento profundo num discurso radiodifundido para os países neutros da Europa, cuja sorte profetizava com tristeza:

«Êsses pequenos Estados não podem deixar de merecer o desprêzo do Reich. Cada um dêles pregunta a si próprio qual será a primeira vítima. Um oficial alemão fêz uma aterragem forçada na Bélgica e são-lhe apreendidos documentos sôbre uma eventual invasão daquele território. Na Roménia reina a maior inquietação. A intriga alemã procura minar a solidariedade dos eslavos do sul. Os suíços desejam defender o seu solo. Os holandeses vigiam ao longo dos seus diques. Os escandinavos não sabem se, dum momento para outro, cairão sob o jugo nazi. No fundo todos acreditam que a tempestade os poupará. Que ilusão! A tempestade há-de esmagá-los e dispersá-los. Outro seria o seu destino se soubessem unir-se, apoiar a França e a Inglaterra e empreender uma acção comum.»

Seriam, de facto, alguns pequenos países europeus do norte e do ocidente da Europa os primeiros a experimentar o pêso das armas alemãs na ofensiva esmagadora que se preparavam para desencadear.

#### A ESTRADA DO FERRO

A máquina de guerra alemã, aperfeiçoada e funcionando a pleno rendimento, tinha desde o início das hostilidades um motor de primeira ordem cujo funcionamento regular era indispensável para a sua manutenção e para o seu triunfo. Êsse motor estava, porém, fora do Reich. Era constituído pelos riquíssimos jazigos de minério de ferro da Suécia. Êste país, vendo a guerra aproximar-se das suas fronteiras, procurava, através de tudo, salvaguardar a independência, conservando uma neutralidade que se não era juridicamente perfeita constituia, de momento, a única salvaguarda para os seus fins. A Escandinávia só podia contar com a rivalidade germano-russa como factor essencial da sua segurança. Desde que o Reich e a U. R. S. S. se tinham entendido para partilhar o despojo polaco e a sua solidariedade, pelo menos aparentemente, se mantinha para liquidar amigàvelmente a Finlândia, aos suecos restava apenas o recurso de se encerrarem no limite das suas fronteiras desde que não quisessem seguir o conselho de Churchill arriscando tudo no conflito das grandes potências.

O rei Haakon da Noruega

Como esta solução fôra posta de parte pelos ministros e pelo parlamento da Suécia, esta satisfazia pontualmente os pedidos do Reich em minério de ferro. Como a esquadra inglêsa não podia arriscar-se nos campos de minas do Báltico, em Londres e em Paris compreendiam esta atitude, embora um ou outro dos seus dirigentes concluisse que ela se revelaria fértil em resultados desastrosos.

O problema dos transportes complicava o problema do fornecimento do minério de ferro. Dado o escasso rendimento dos caminhos de ferro suecos e o preço excessivamente elevado do frete, o minério exportado da Suécia continuou a seguir em tempo de guerra o caminho que habitualmente percorria em tempo de paz. Era levado por terra até o pôrto de Narvik e aí embarcado para os portos do norte da Alemanha. Para que êste regime funcionasse com regularidade e proveito, era indispensável a aquiescência do govêrno norueguês. Essa aquiescência nunca fôra negada. A estrada do ferro corria assim das minas suecas de Kirma até Narvik e depois ao longo das águas territoriais norueguesas, cuja violação era evidente de cada vez que a percorriam os transportes alemães que levavam o minério de ferro.

#### OS CAMPOS DE MINAS

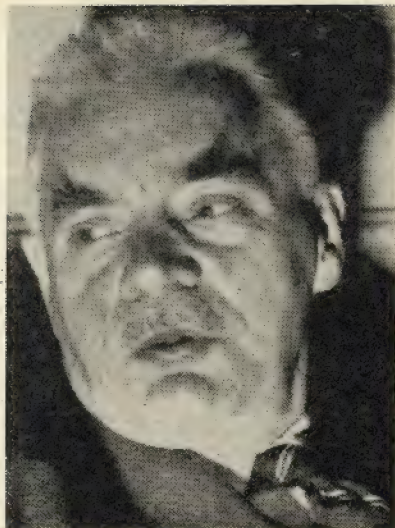
O Almirantado britânico reconheceu ràpidamente que um tal estado de coisas impedia o funcionamento eficaz do bloqueio. Com a subida ao poder do gabinete Reynaud, o conselho de guerra dos aliados entrou numa fase de nova actividade e assentou em que se deveria cortar, o mais ràpidamente possível, a estrada por onde era conduzido até aos portos alemães o minério de ferro vindo dos jazigos de Kiruna.

Na noite de 7 para 8 de Abril, os aliados ocidentais cortaram ostensivamente essa estrada, no seu percurso marítimo, a partir do pôrto de Narvik, colocando em três pontos das águas territoriais norueguesas campos de minas. O primeiro foi colocado à saída daquele pôrto, entre a ilha Landegode e a costa; o segundo estava a uma distância de 400 km. do primeiro, em direcção ao sul, por alturas de Bud, num local onde a costa penetra profundamente no mar e as águas são baixas; o terceiro ficava 100 km. mais ao sul e impedia a passagem de navios nas alturas do cabo Statland. As barragens de minas, cada uma das quais ocupava uma superfície aproximada de 100 km.², obrigavam os transportes alemães a dar uma volta para os evitar. Eram assim levados a ultrapassar o limite das águas territoriais norueguesas, penetrando no Oceano e expondo-se à acção dos navios da esquadra inglêsa.

As estações de rádio francesas e inglêsas fizeram um aviso à navegação. Em Berlim tinham sido ordenados preparativos que se encontravam muito adiantados ou na previsão daquela eventualidade ou porque no programa de realizações preparado para a primavera a ocupação da costa atlântica da Escandinávia constituisse um ponto assente. Fôrças terrestres especializadas para a guerra nas montanhas, navios de guerra e mercantes com as tripulações especialmente adestradas e os corpos de desembarque instalados a bordo, formações aéreas com tripulações adequadas, todo o arsenal duma ofensiva em forma estava a postos e preparado para operar uma vez que fôsse dado o sinal de partida. Êsse sinal não se fêz esperar. Uma vez dado, todo o mecanismo da invasão se pôs em movimento com uma precisão de relógio. Depois da prova excepcionalmente brilhante que dera na Polónia, o exército do Reich ia afirmar a sua preparação na Escandinávia.

#### UMA DILIGÊNCIA DIPLOMÁTICA

Às 4 e 30 da madrugada de 9 de Abril, o representante do Reich em Oslo, dr. Brauer, pediu uma entrevista urgente ao ministro norueguês dos negócios estrangeiros, dr. Koht. Entregou-lhe um documento escrito em que se continha uma série de pedidos. O documento entregue ao dr. Koht dizia que, enquanto a França e a Grã-Bretanha para fazerem a guerra violavam sistemàticamente as fronteiras e não respeitavam os direitos soberanos e a independência dos pequenos povos, a Alemanha, pelo contrário, desejava proceder de maneira diversa. O govêrno alemão tinha em seu poder documentos que provavam a intenção dos aliados de estenderem à Noruega o campo das hostilidades ocupando Narvik. Segundo os referidos documentos, a ocupação de Narvik deveria realizar-se dentro dum curto prazo.

O govêrno norueguês, segundo o memorando entregue pelo dr. Brauer, não estava em condições de se opor a essa operação. A Escandinávia transformar-se-ia num campo de batalha. O povo no-

O dr. Koht, antigo ministro norueguês dos Negócios Estrangeiros

rueguês seria directamente afectado por êsse facto. A Alemanha veria ameaçada a sua segurança e prejudicados os seus interêsses mais directos e vitais.

O govêrno alemão não esperaria que os aliados pusessem em prática o seu plano. Antecipar-se-ia à acção franco-britânica e, para isso, tomara já algumas medidas de precaução que considerava tão necessárias como urgentes. Dêsse conjunto de operações preventivas assentes pelo Estado Maior alemão fazia parte a ocupação de determinados pontos estratégicos na costa norueguesa e no interior do país. As medidas assim postas em prática, acentuava o memorando alemão, tinham um carácter transitório e deviam vigorar apenas durante o período da guerra.

As tropas alemãs não desembarcavam na Noruega como inimigas. Desejavam respeitar os direitos soberanos da nação norueguesa, as suas instituições e os seus costumes. A culpa do que acontecia devia imputar-se exclusivamente à França e à Inglaterra. O govêrno do Reich estava convencido de que a acção preventiva que desencadeava, e que estava em curso, ao mesmo tempo que serviria os seus interêsses, se devia traduzir por uma vantagem incontestável para o povo da Noruega. O Reich tomava assim a iniciativa de proteger êste país durante um certo tempo. Com o memorando, foi entregue uma nota em que se especificavam as providências de ordem militar tomadas, a que o govêrno de Oslo devia dar a sua colaboração.

## O ASSALTO AOS PORTOS

O professor Koht informou os seus colegas do conteudo do memorando alemão e da nota anexa que continha as propostas militares formuladas pelo govêrno de Berlim. O conselho de ministro norueguês entendeu que estas não podiam ser aceitas por um povo independente que desejava, acima de tudo, manter os seus direitos soberanos. Quando o dr. Koht comunicou esta resposta ao representante do Reich, lembrou-lhe que, no seu último discurso, o Fuehrer afirmara que um povo que se deixa submeter, sem protesto, ao domínio de estranhos e não esboça contra êle a mais ligeira resistência não deve subsistir. «Nós — concluiu o professor Koht — desejamos viver na honra e na independência». Tendo sido assim rejeitado o memorando alemão, que o govêrno norueguês considerava como um ultimato, só restava dar livre curso à acção militar. Esta encontrava-se já em pleno desenvolvimento.

Para a Noruega e para, nos termos do memorando alemão, assegurar a sua protecção, tinham sido enviadas fôrças terrestres superiormente comandadas pelo general Falkenhorst, unidades navais sob o comando do almirante Carls e formações da arma aérea que se encontravam sob as ordens do tenente-general Geissler. A esquadra alemã abandonara o Báltico e fôra assinalada ao meio dia de 8 de Abril dobrando a ponta extrema da Jutlândia e seguindo em direcção às costas norueguesas. Ao mesmo tempo, formações do exército do Reich ocupavam, igualmente a título de o protegerem, o território da Dinamarca, cujo soberano e cujo govêrno resolveram aceitar a protecção que lhes era oferecida. Enquanto alguns alemães faziam a sua aparição a noroeste da Fionia e desembarcavam tropas de ocupação em Middelfart, outras tropas penetravam no Slesvig; a parte oriental da Dinamarca era atacada por Copenhague e a capital, depois duma resistência simbólica em alguns pontos do território dinamarquês, entregava-se sem condições.

Simultâneamente, a Noruega era invadida por uma extensa frente que ia de Oslo a Trondheim. Na parte sul desta frente de combate, Oslo foi ocupada depois dum encarniçado combate. Na parte oeste da mesma frente os alemães ocuparam, com uma rapidez fulminante, os principais portos da costa, Stavanger, Bergen e Trondheim. Sucessivamente a ocupação estendeu-se a Cristiansand e a Narvik, completando-se assim a execução dum plano maduramente estabelecido e superiormente executado.

## A INTERVENÇÃO DOS ALIADOS

Trondheim, Bergen e Oslo constituem os vértices dum triângulo que no maciço norueguês, quási totalmente impraticável para operações militares em larga escala, aparecem ligados pelo caminho de ferro. Bergen está na latitude das Orcadas, no centro da Escócia, e a uma distância de 450 km. daquele grupo insular. É uma hora de vôo para os modernos aparelhos de bombardeamentos. Trondheim está na latitude da Islândia. Ocupando os dois portos, os alemães rasgavam, longamente, uma varanda que os punha em contacto com o Oceano, ameaçando directamente as costas setentrionais da Grã-Bretanha.

Logo que se iniciaram as operações, seis contratorpedeiros alemães instalaram-se num ponto que ficava a mais de 200 km. do círculo polar no fiord de Narvik. No dia 10 dava-se o primeiro recontro entre essas unidades ligeiras da esquadra alemã e cinco navios britânicos do mesmo tipo que as foram atacar. O combate foi animado mas não conduziu a qualquer resultado prático. Os contratorpedeiros inglêses iam em missão de reconhecimento e retiraram-se logo que verificaram a superioridade do antagonista, embora recolhendo aí informações que lhes interessavam.

O combate, isolado, a uma distância enorme dos centros populosos da Noruega, era um episódio duma acção mais vasta empreendida pela «Home Fleet». Esta saíra para o mar logo que ao Almirantado chegaram notícias precisas sôbre o desembarque de contingentes inimigos na costa norueguesa. Esperava-se entre as duas esquadras uma batalha decisiva. Os alemães souberam evitá-la hàbilmente, embora à custa de prejuizos sensíveis. Mas o que houve na realidade foi uma série de encontros parciais que, embora conduzidos vantajosamente para os inglêses, se não traduziram por um resultado decisivo.

Os alemães estavam senhores dos portos e dos aeródromos noruegueses. Os inglêses dominavam o mar e, favorecidos por esta circunstância, estavam em condições de tentar um ou mais desembarques auxiliados pelos elementos locais que, em obediência às ordens do seu soberano, se opunham, por tôda a parte, à penetração alemã. No dia 13 de Abril, realizaram, com êxito, um desembarque em Narvik. Logo a seguir tentaram uma operação idêntica em Trondheim desembarcando no pôrto de Namsos.

## OS PRIMEIROS REVEZES E O REEMBARQUE

Para dominar a guarnição alemã que ocupava Trondheim, os aliados desembarcaram igualmente tropas ao sul daquela cidade, em Andalsnes. Durante os dias 18 e 19, desenrolaram-se violentos combates, em que os alemães eram, ao mesmo tempo, atacados, ao norte e ao sul, pelos contingentes aliados desembarcados em Namsos e em Andalsnes. Conseguiram deter o ataque vindo do norte, em Steinkjoer. O ataque partido do sul não teve melhor sorte. Os atacantes penetraram no dédalo montanhoso e foram repelidos em Dombaes. A sua situação começou a tornar-se crítica perante a ameaça de uma coluna alemã que saíra de Oslo em direcção ao norte.

Depois de porfiados combates, a situação militar no fim de Abril aparecia suficientemente clara para se poder concluir por uma série de revezes dos aliados. Em Namsos tinham desembarcado 4.200 homens, quási todos franceses. A linha Namsos-Trondheim estava confiada à guarda dos inglêses, num total de 6.000 homens, comandados por um veterano da grande guerra e das campanhas coloniais, o general Carton de Wiart. A sudoeste de Namsos tinha-se concentrado uma brigada inglêsa, do comando do brigadeiro Morgan. O conjunto das operações contra Trondheim fôra entregue à direcção do general inglês Massy. Os franceses, por seu turno, tinham 4.000 homens em Narvik. O total das fôrças aliadas desembarcadas não excedia 25 mil homens.

Os alemães conseguiram fazer ràpidamente a junção da coluna que partira de Oslo com as tropas que se encontram em Trondheim, inutilizando, com um golpe rápido, a tentativa de cêrco em volta desta cidade. Mas o que decidiu do curso dos combates locais, alguns dêles travados com grande bravura dum e doutro lado, eram a superioridade numérica da aviação alemã e a utilização eficaz dos aeródromos noruegueses de que os invasores oportunamente se tinham apoderado. O número de aparelhos alemães empenhados nas operações da Noruega era superior a seiscentos.

Perdida a batalha de Trondheim, de cujo êxito dependia a sorte da guerra da Noruega, o govêrno inglês, reünido na manhã de 26 de Abril, resolveu reembarcar os seus soldados, o que começou a fazer-se, em condições difíceis, no dia 2 de Maio, prolongando-se durante mais de vinte dias, depois de o plano britânico ter obtido a aprovação do govêrno ignlês.

## O FIM DA RESISTÊNCIA

Entretanto as tropas norueguesas, repelidas para as regiões montanhosas no interior do país, continuavam a combater. O govêrno e o parlamento refugiaram-se, sucessivamente, em Hamar, Elverum e Eidsvoel. Entre alguns dos seus membros e os chefes das fôrças alemãs prolongaram-se as conversações, que não conduziam a qualquer resultado. O rei Haakon recusou-se a demitir o gabinete presidido pelo sr. Nygaardsvold, que tinha a sua confiança e a do Storting e não aceitara igualmente a sugestão para constituir um govêrno de elementos nazis que deveria ser presidido pelo major Vidkun Quisling.

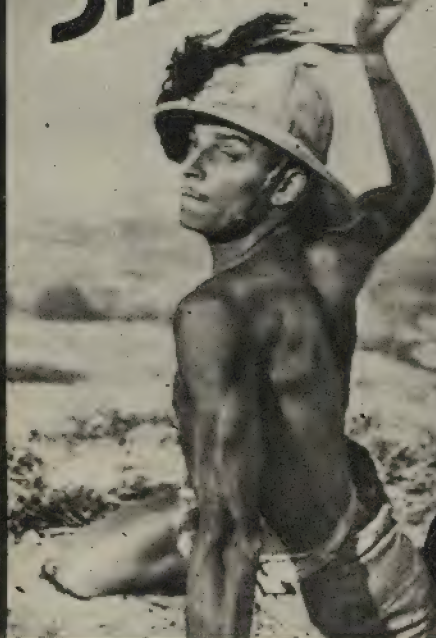
O soberano aconselhou aos seus subditos uma resistência activa de que êle próprio deu, a partir de certo momento, o exemplo. O major Quisling colocou-se, com alguns dos seus amigos, decididamente ao lado dos alemães, prontificando-se a auxiliá-los e a constituir, sem o assentimento régio, um govêrno da sua presidência. Pela primeira vez o plano de guerra alemão utilizava, em larga escala e com efeitos decisivos, o auxílio de elementos locais que se puseram ostensivamente ao lado dos invasores e ficaram conhecidos pela designação genérica de «quinta coluna».

Junto do rei Haakon e dos seus ministros fizeram os alemães e os noruegueses simpatizantes com a sua causa diversas diligências a que o soberano respondeu, sistemàticamente, com uma recusa formal. Em 7 de Junho, o rei, acompanhado por seu filho o príncipe Olavo, embarcou no navio inglês «Devonshire» e seguiu para Londres, onde se lhe foram juntar os membros do seu govêrno. Em 27 daquele mês, a mesa do Storting dirigiu-lhe um convite formal para abdicar, afim de facilitar as relações entre as tropas de ocupação e as autoridades locais. O soberano respondeu numa carta datada de 3 de Julho, opondo, mais uma vez, ao pedido uma recusa formal e afirmando o propósito de continuar a defender no exílio a causa da independência do país.

O general Falkenhorst, que comandou as fôrças terrestres enviadas para a Noruega

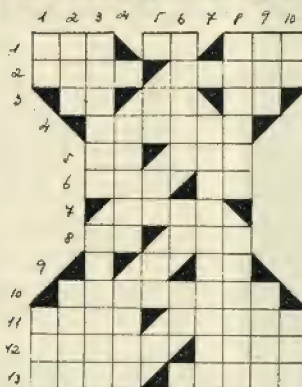
«A liberdade e a independência do povo norueguês — dizia-se nesse documento — é o meu primeiro dever que, jurando a Constituição, me comprometi a executar fielmente. Sinto que correspondo, no exílio, inteiramente a essa obrigação do meu cargo, fazendo todos os esforços para que o país cuja direcção me foi confiada em 1905 volte de novo a ser livre e independente.»

(Continua)

«Die **WEHRMACHT**», a maior revista militar do mundo, editada pelo Alto Comando da Fôrça Armada Alemã, mostra a guerra em tôdas as frentes.
**À venda o n.° 2 — Exemplar Esc. 2$50**

**À venda o n.° 2 de 1942**

**«SINAL»** a revista ilustrada da Europa que sempre informa bem. 48 páginas brilhantemente ilustradas e colaboradas. Páginas a côres. — **Preço de venda — Esc. 2$00.**

# VARIEDADES

## PALAVRAS CRUZADAS

**PROBLEMA N.° 11**

*HORIZONTAIS: 1 — Haste de espora; Entre aquela gente; Interj. de quem repreende. 2 — Pasto; Direito. 3 — Caracteres que pluralizam a representação fonética da primeira letra do alfabeto; Anel muito delgado; Porco. 4 — Lutar. 5 — Adeus; Governanta. 6 — Emir; Certo. 7 — Notícia imprevista. 8 — Interj. de quem estimula; Vogal; Consoante. 9 — Abrev. de masculino; Consoante; Nota musical. 10 — Tornara convexo. 11 — Bonito; Idiota. 12 — O dia do nascimento; Cidade e pôrto da Arábia. 13 — Levantar; Pessoa que está ardendo em febre.*

*VERTICAIS: 1 — Base; Nome de mulher. 2 — Combine; Sob condição. 3 — Gabam; Impinja. 4 — Vogal; Dissipação; Escolher. 5 — Cinqüenta, em numeração romana; Quadrúpude da América; Letra grega; Banto; Consoante. 6 — Concubina; Passe; O lado do vento; Abrev. de Bom. 7 — Vogal; Amontoa (dinheiro); Procurar. 8 — Penetram; Que têm falha. 9 — Continuado; Ligues. 10 — Preposição e artigo; Nome de mulher.*

**SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.° 10**

*HORIZONTAIS: 1 — Tácitos; Deferir. 2 — Notara; Lá; Exaras. 3 — Amavam; Topa; Libata. 4 — Marar; Cocara; Rodar. 5 — Oras; Camarada; Sôra. 6 — Rás; Sáfara; Sai. 7 — Tal; Rata; Ana. 8 — Dicar; Só; Amêga. 9 — Carecer; Abarata. 10 — Amarela; Ratonas. 11 — Arara; Mó; Rasas. 12 — Ara; Faca; Sôr. 13 — Dar; Caruma; Val. 14 — Apôr; Mariposa; Cama. 15 — Natal; Rodara; Moram. 16 — Aridos; Lodo; Fucaro. 17 — Lanêdo; Sa; Oneras. 18 — Ramosos; Arrimar.*

*VERTICAIS: 1 — Namorar; Badanal. 2 — Tomara; Cá; Aparar. 3 — Ataras; Dama; Rotina. 4 — Cavas; Tirara; Radem. 5 — Irar; Macerara; Lôdo. 6 — Tam; Lacera; Sós. — 7 — Cãs; Rela; Car. 8 — Tomar; Rã; Farol. 9 — Locafas; Maridos. 10 — Aparato; Ocupada. 11 — Arara; Ar; Amoro. 12 — Ada; Abar; Asa. 13 — Fel; Ametas; Fôr. 14 — Exir; Onerosos; Muni. 15 — Rabos; Aganar; Cocem. 16 — Irados; Atas; Varara. 17 — Ratara; As; Amarar. 18 — Saraiva; Cálamos.*

**SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.° 9**

*HORIZONTAIS: 1 — Oxigala. 2 — Êculo. 3 — Ita. 4 — Em; Per; Rã. 5 — Ruano; Asnis. 6 — Assi; Aedo. 7 — Seios; Cimos. 8 — Iu; Eco; Ro. 9 — Arú. 10 — Frito. 11 — Brasões.*

*VERTICAIS: 1 — Xerasia. 2 — Museu. 3 — Asi. 4 — Xe; Nio; Fr. 5 — Icipó; Seara. 6 — Gute; Cris. 7 — Alara; Couto. 8 — Ló; Sai; Oe. 9 — Nem. 10 — Ridor. 11 — Gasosos.*



**ASPECTO DO FUNERAL DOS AVIADORES INGLÊSES** mortos quando da aterragem forçada dum bi-motor ocorrida há dias próximo de Sezimbra.

# Classificação da guerra actual

## GUERRA INTERCONTINENTAL? NÃO

## Conflito universal desenvolvido atravez dos cinco continentes e oceanos.

Pelo tenente-coronel Lello Portella

a) **Características do conflito**

UITO se tem glosado sôbre o carácter genérico do actual conflito.

Dois pontos há, contudo, sôbre os quais parece não haver divergências: um refere-se ao carácter de «totalidade» dos meios lançados na luta, e o outro à «universidade» dos sectores que esta abrange.

Há quem já tenha pretendido classificar, sob o ponto de vista geográfico, o presente conflito como representando uma luta entre continentes.

Tal classificação parece-nos imprópria por se prestar a equívocos, quanto à natureza dos elementos em luta, e induzir necessàriamente em êrro quanto ao seu carácter político, à sua genese e aos seus objectivos.

Por tal motivo, julgamos de interêsse geral procurar definir, com mais precisão, a natureza desta guerra.

Chamar-lhe «guerra intercontinental» pode levar a pensar-se que os diferentes continentes se encontram reùnidos em blocos separados e homogéneos, empenhados numa luta uns contra os outros, e defendendo interêsses próprios e comuns a cada um dêles.

Isto significaria incompatibilidade total e absoluta de entendimento, oposição de interêsses morais e materiais entre as cinco grandes regiões em que o Mundo se divide geogràficamente.

Ora a verdade é muito diferente; não existe nem incompatibilidade moral, nem divergências económicas, que oponham os diferentes continentes, em bloco, uns contra os outros.

Pelo contrário, os recursos duns servem a satisfazer recìprocamente as necessidades dos outros.

E se esta interdependência económica é um facto, a interpenetração moral e o intercâmbio espiritual constituem uma realidade ainda mais forte.

De resto, cada um dos continentes, tomado separadamente, não forma um bloco homogéneo moral e económico.

Cada continente reùne em si um agrupamento geográfico de povos diferentes na raça, na mentalidade, na cultura, no espírito, com interêsses morais e económicos distintos, e muitas vezes contrários.

A própria genese do actual conflito vem demonstrar, de forma evidente, a verdade que acabamos de enunciar.

Não foi a incompatibilidade de interêsses globais, de cada continente, que deu origem à guerra actual.

Esta nasceu da oposição de interêsses e de concepções particulares entre os povos constituivos do continente asiático, primeiro, e do europeu em seguida.

Foi na Ásia que a oposição sino-nipónica e sino-russa iniciou o conflito.

Na Europa, a divergência de interêsses, de aspirações e de mentalidades entre alguns dos seus povos ateou aqui a fogueira.

Se na Ásia apenas se apercebia um pequeno braseiro, que poderia ter sido fàcilmente extinto em devido tempo, na Europa, as labaredas foram crescendo e alastrando-se, de forma a abrangerem em breve o mundo inteiro.

A guerra europeia nasceu do conflito entre dois grupos de nações, que se reùniram na defesa de dois princípios ou doutrinas opostas.

Dum lado, agruparam-se nações que pretendiam aumentar a sua zona de influência em benefício dos seus próprios povos, alargar o seu domínio, de forma a assegurar-lhes melhores facilidades de vida.

Assim nasceu a teoria do «espaço vital», que tinha de ser obtido pela lei natural da fôrça.

Para tal concentraram-se os esforços totais dos seus povos e organizaram-se os meios e as formas de aplicação dessa fôrça.

Estes povos invocaram, para apoio da sua tese, diferenças raciais, com a consequente hierarquização que conduz à criação de privilégio em seu benefício.

Do outro lado, agruparam-se os povos que pretendiam defender o que possuiam; os seus territórios de habitação, a sua autonomia política, a liberdade de disporem dos seus próprios destinos em conformidade com os seus hábitos particulares e o seu espírito próprio.

Quere dizer: contra a doutrina do «espaço vital» e do «privilégio racial» que tende ao estabelecimento duma hegemonia preferencial sôbre todo o continente surge, em oposição, o princípio do agrupamento dos povos em comunidades nacionais autónomas com características próprias que formavam a estrutura política europeia.

É a guerra contra o «nacionalismo», consubstanciado na idéa da «Pátria», que implica o respeito da independência da comunidade nacional. É a luta entre povos possuidores e satisfeitos e povos insatisfeitos que aspiram a possuir mais.

Por esta razão, desapareceu a histórica Austria, como país independente, a Checoslováquia viu os seus territórios desmembrados, a Polónia foi invadida e conquistada, a Dinamarca, ocupada, a Noruega, a Holanda, a Bélgica, a França, a Iugoslávia e a Grécia foram invadidas, ocupadas e dominadas militarmente, e, finalmente, parte do território russo é também invadido e ocupado.

A guerra, na Europa, continua ainda em território russo e iugoslavo, onde os povos continuam a luta de resistência.

Como se vê, a maioria dos povos europeus foram e continuam a ser dominados pela fôrça, conduzida e aplicada em uma série de acções distintas e particulares.

É esta a posição actual do Continente, sem que até à data se conheça, com precisão, qualquer espécie de projecto que pretenda definir a estrutura política futura da Europa.

b) **Situação europeia**

Representará êste estado presente a opinião dos diferentes povos europeus?

Todos os dias a Imprensa nos informa de actos de sabotagem e atentados cometidos, apesar da presença da fôrça militar ocupante, que são reveladores do estado de espírito dêsses mesmos povos.

Nesta condição, poder-se-á afirmar que a Europa possue um ponto de vista unânime na luta em curso?

Decerto não.

Poder-se-á ainda declarar que a mesma Europa esteja inteiramente unida por um interêsse comum contra os outros continentes?

Estarão os interêsses económicos, morais e espirituais dos diferentes países da Europa solidàriamente unidos e ligados?

Parece-nos não haver êrro maior do que pretender afirmar ou estabelecer tal ideia.

E a razão está precisamente no facto de que os diversos países europeus, tomados isoladamente, têm características próprias de raça, cultura, costumes, tradição, mentalidade, espírito e interesses que os separam e distinguem entre si.

Estas características advem-lhes da geopolítica que determinou a sua história.

A geografia fixa, em geral, a vida espiritual e a actividade económica de cada povo, dando assim origem à formação da sua própria história.

Assim, as Ilhas Britânicas e as peninsulas escandinávica, itálica e ibérica, por exemplo, possuem interêsses espirituais e económicos muito diferentes dos outros povos do continente, e contudo, geogràficamente, pertencem à Europa.

A sua posição geográfica marcou-lhes, porém, o seu destino e a projecção natural das suas actividades.

c) **Posição peninsular**

Foi o conhecimento exacto desta grande verdade que levou portugueses e espanhóis a lançarem-se na epopeia grandiosa das descobertas e na civilização de novos povos.

O orgulho da raça portuguesa está precisamente assente nos resultados obtidos por esta lucidíssima visão dos nossos antepassados.

Graças a ela, temos uma história resplandescente de glória e magnificência, e possuímos actualmente em África, na América do Sul e na Ásia interêsses económicos vitais e uma estreita ligação e comunhão de valores espirituais e morais.

O mesmo acontece com a nossa vizinha Espanha.

Não estarão porventura os dois povos da península mais sòlidamente ligados aos nossos irmãos da América do Sul e Central do que aos países da Europa Central?

Não estará também o seu interêsse económico mais íntima e directamente dependente dêsses mesmos povos africanos e americanos, do que do resto do continente europeu?

Poderão, por acaso, Portugal e Espanha aspirar a exercer no continente europeu qualquer influência moral ou económica semelhante à que disfrutam nas Américas ou em África?

O esquecimento desta grande verdade levou a Espanha de Carlos V e dos Felipes a esgotar-se em lutas estéreis, improfícuas e debilitantes no continente.

A história marca, a partir desta época, o período da sua decadência.

Não teria sido mais útil e salutar para a Espanha dispender as fôrças que consumiu na luta continental, no esfôrço da continuação da obra iniciada com a sua actividade civilizadora na América e África?

Pela sua situação geográfica, Portugal e Espanha são essencialmente atlânticos.

Para além-mar lançámos o melhor semente do nosso espírito e empreendemos o melhor esfôrço da nossa actividade, e por isso d'além-mar recebemos o prémio dêsse esfôrço na satisfação do melhor das nossas necessidades económicas.

Espiritualmente, não há na Europa país algum a quem nos prendam tão estreitos laços de paternal amizade como ao Brasil.

O mesmo se poderia dizer da Espanha em relação às repúblicas centro e sul-americanas.

Por isso estes dois agrupamentos de povos d'aquém e d'além-mar constituem uma grande e poderosa comunidade espiritual, talvez única no mundo, por não existir antagonismos de ordem material que as separem.

Não há interêsses alguns, em qualquer dos continentes, que possam quebrar a estreita solidariedade moral e económica que liga estes povos irmãos.

Nada pode opôr o agrupamento europeu ao americano. O Atlântico não constitue uma solução de continuidade, mas antes a sua via natural de ligação, o seu traço de união.

Já está dito e afirmado, de ambos os lados, que o mar não nos separa, antes nos une.

Êste simples exemplo bastaria, por si próprio, para demonstrar o êrro que se praticaria se quisessemos classificar o presente conflito como uma luta entre continentes.

A guerra actual tem confirmado, de maneira categórica, esta nossa asserção.

Basta para tanto, observar apenas o que se tem passado no campo económico.

As condições de vida dos povos continentais europeus tem sido extremamente precária, e esta situação tende a agravar-se cada vez mais, pois a miséria e ameaça de fome rodam por todo o espaço, pondo em perigo o futuro das raças.

Portugal, e um pouco a Espanha, tem escapado a esta tragédia.

Não porque do continente europeu recebam os produtos de que carecem, pois é sabido que a Europa não está em condições de nos fornecer.

Graças, só e exclùsivamente, à sua posição geográfica e política, Portugal tem conseguido, não só bastar-se às suas necessidades, mas tem contribuído também para mitigar muita miséria no continente.

Em virtude dos nossos recursos coloniais e das ligações económicas que possuímos em África e nas Américas temos conseguido equilibrar a nossa situação.

O Atlântico é o nosso pulmão. Graças a êle temos capacidade de resistência e condições de vida.

Com esta grande via de ligação cortada, estaríamos votados a uma asfixia lenta.

Pode, por acaso, a Europa continental fornecer-nos o trigo, o açúcar, o cacau, o café, o chá, o óleo que temos recebido da África e América?

Ou a gasolina, os oleaginosos, o carvão, o cobre, os fosfatos, o algodão, os coiros e outras matérias primas indispensáveis à nossa agricultura e indústria, ao nosso vestuário, aquecimento e energia produtora de luz, transportes, pesca e trabalho fabril?

As poucas matérias-primas existentes no continente europeu são totalmente consumidas na voragem da guerra.

Esta verificação é bastante concludente para nos mostrar que a Península Ibérica, e muito especialmente

(Continua na pág. 16)

# A ESFERA MISTERIOSA

## Grande romance policial do escritor americano Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO VII

### CABELOS DE MULHER

CHARLES Read irrompeu, como um furacão, pelo seu gabinete de trabalho. Vinha da Décima Avenida, onde tivera uma conferência com «miss» Maud King, que o deixara ainda mais desorientado do que após a troca de impressões que tivera com o milionário durante o lapso de tempo em que o acompanhara no seu carro de luxo.

Jack Harmann logo adivinhara pela expressão do seu rosto que alguma cousa de extraordinário se passava. Na presença do desconhecido, o teimoso oriental que insistira em esperar o regresso do «detective», absteve-se de fazer sôbre o assunto qualquer referência directa.

O homem moreno, numa teimosia serena e envencível, quedara instalado no seu «maple» e, como não houvesse forma de arrancar à sua amabilidade e ao seu sorriso enigmático qualquer outro pormenor de interêsse sôbre o muito que parecia conhecer da misteriosa história da esfera de aço, acabou o ajudante de Read por mergulhar de novo na leitura do jornal, leitura essa que lhe serviu de algum proveito, pois a sublinhou a lápis vermelho, no intuito de mostrá-la ao «detective», logo que êle chegasse.

O estranho visitante ,porém, levantara-se à entrada de Charles Read e fizera uma profunda vénia. E Harmann sentiu-se na obrigação de logo esclarecer:

— Esta é a pessoa de quem te falei pelo telefone. Diz ter um assunto muito importante a tratar contigo, qualquer coisa que se prende com a esfera de aço...

O «detective» estendeu-lhe a mão, afável, que o outro estreitou efusivamnte, e disse:

— Queira sentar-se. Vou atendê-lo imediatamente. E peço desculpa de tê-lo feito esperar...

— Ora essa... — acudiu, untuoso, o homem trigueiro. — Não me importo de esperar o tempo que fôr preciso.

— Um instante, que já o atendo... — disse o polícia, notando que o seu ajudante o chamara de parte com um olhar.

E abeirou-se da secretária de Harmann, sôbre a qual estava o «New-York Herald» aberto mostrando uma notícia sublinhada a vermelho. O olhar de Charles Read caiu sôbre êste título, que já era banal nos gazetas norte-americanas: **Rapto misterioso.** Depois, um subtítulo começou a alarmar o «detective»: **Desaparece uma jovem dactilógrafa em condições enigmáticas.**

Com um pressentimento sombrio, Read devorou, em seguida, com os olhos a seguinte notícia:

*Um dos casos mais estranhos ùltimamente ocorridos em Nova York é, com certeza, o do desaparecimento ou rapto de Dorothy Gordon, de 25 anos, dactilógrafa da casa de comissões e consignações Stone, Brothers, desta cidade.*

*Estamos habituados aos raptos constantes que são o gênero de crime que está em moda. Visam, em regra, a arrancar dinheiro às famílias das vítimas. Há também os raptos por amor, mas êstes em muito menor escala, ocorridos quási sempre nas pequenas povoações provincianas. Mas rapto como o de «miss» Dorothy Gordon (visto que se exclue a hipótese de fuga) não encontra explicação plausível.*

*Nada há, que se saiba, que justifique uma fuga voluntária. «Miss» Dorothy Gordon vivia há anos na companhia de sua mãe vèlhinha, de quem era o único amparo. Era uma rapariga sossegada, de uma beleza discreta, que não dava nas vistas, e ninguém lhe conhecia namôro. «Mister» Jack Stone, sócio-gerente da firma Stone, Brothers, deu a seu respeito as melhores informações: assídua, inteligente, delicada e muito trabalhadora. Havia cinco anos que entrára para aquela casa comercial, recomendada pelo grande industrial John King, e nunca dera senão motivos de louvor aos seus patrões, que a tinham em grande estima.*

*A sua vida particular era, por assim dizer, transparente. Não tinha, que se soubesse, nem dificuldades financeiras, nem complicações sentimentais, que pudessem sugerir uma ideia de suicídio.*

*Um pormenor existe apenas, segundo contou «mister» Jack Stone, seu patrão, que pode tratar-se de simples coincidência, mas que não se deve deixar de registar, com certa reserva: há anos, uma irmã mais velha de Dorothy desapareceu nas mesmas condições misteriosas. E até hoje não foi possível encontrar-lhe o rastro. Teria a gentil dactilógrafa seguido o mesmo destino?*

Charles Read, finda a leitura, deixou cair o jornal sôbre o tampo da secretária. Seus lábios, porém, cerraram-se a qualquer comentário. Estava presente um desconhecido, cujo olhar prescutador parecia pesar-lhe no dorso. Limitou-se a murmurar entre dentes para Harmann, que lhe lançara um olhar inquiridor:

— É estranho... Bastante estranho...

Mais não adiantou. Volvendo-se para o visitante, disse:

— Estou inteiramente ao seu dispôr.

— Um pormenor ainda, mister Raicar. Que contém a esfera de aço?

O homem trigueiro e franzino, endireitou-se no «maple», apurou a garganta e, desencantando o seu melhor sorriso, pronunciou em voz suave, quási ciciada:

— Desejava que me dispensasse um pouco da sua preciosa atenção, em particular, «mister» Read.

E o seu olhar dirigido particularmente a Jack Harmann, significava claramente que a presença do ajudante do «detective» o constrangia. Compreendendo-o, o polícia, disse:

— Deixa-me uns momentos só com êste senhor, meu caro Harmann.

Êste, um pouco vexado por aquela falta de confiança do estrangeiro e irritado por não poder ouvir a conversa, que, pelos seus cálculos, havia de ser bem curiosa, retirou-se, batendo a porta com uma violência quási indelicada. Mas o homem moreno não notou, ou fingiu não notar a má vontade do jovem; baixou o tom de voz e proferiu:

— Venho convidar «mister» Read a prestar-me o concurso da sua grande inteligência e do seu extraordinário tacto policial.

O «detective» inclinou ligeiramente a cabeça, agradecido pelos adjectivos elogiosos que acabava de ouvir. O outro, depois de fazer uma longa pausa, meteu a mão ao bôlso interior do casaco, sacou de uma carteira, em que se via um complicado monograma de ouro, abriu-a com um vagar enervante e, de um dos compartimentos, retirou um pequeno volume de papel branco. Guardou de novo a carteira, ficando com o pequenino papel na mão.

— Está aqui — disse êle, por fim — o único indício, que nos pode conduzir à descoberta do autor de um furto, de que fui vítima. Há anos, porém, que conservo em meu poder êste indício, que pode ser a chave de um mistério, mas, confesso, as minhas mãos não souberam manejar a chave. Sou pouco hábil para essas coisas. Agora, o senhor, com a sua argúcia, com a sua inteligência penetrante, há de chegar, com certeza, a uma conclusão clara.

Calou-se e começou a desembrulhar, lentamente, o papel até que, aos olhos do polícia, surgiu uma madeixa de cabelos castanhos, ligeiramente ondeados.

— Ora examine, por favor... — pediu o visitante, passando-lhe para as mãos o papel.

Charles Read observou com atenção. Era uma madeixa de cabelos castanhos, do mais vulgar castanho que se pode encontrar na América, sedosos e finos.

— Cabelos de mulher... — disse o polícia, querendo restituí-los ao seu interlocutor.

Êste, repelindo-os brandamente, com sua dextra magra, delicada, pronunciou:

— Deposito-os em suas mãos. Podem ser-lhe talvez de grande utilidade, mais tarde... É um pormenor importante que não se deve desprezar.

Charles Read, pelo sim, pelo não, tornou a embrulhar a madeixa no mesmo papel e guardou-a na sua carteira, ao mesmo tempo que dizia:

— Mas, afinal, ainda não sei qual é o objectivo da sua visita, «mister»... «mister»...

— Crisnam Raicar, um criado humilde para o servir — acudiu o visitante.

— Perdoe-me! Eu devia principiar por fazer a minha própria apresentação. Chamo-me Crisnam Raicar. Sou natural de Calcuttá, India Inglesa, mas resido nos Estados Unidos há dezasseis anos. Formei-me em medicina, em Boston, com intenção de regressar à minha terra e por lá exercer a minha profissão... Mas... Mas, sentia-me tão bem no Novo Mundo, que fui adiando a minha viagem de retôrno, de dia para dia, e, como vê, ainda cá estou.

Deteve-se um momento, numa pausa, como se quisesse tomar fôlego, e prosseguiu:

— Provàvelmente, estou a maçá-lo com êstes pormenores...

Read exprimiu por um gesto, que não, que, pelo contrário, lhe agradava escutá-lo, e o hindú prosseguiu:

— Claro que não é só o muito amor que criei à América onde aperfeiçoei a minha instrução, o principal motivo que anda me retém aqui. Há outra razão, decerto mais forte do que essa: é que não queria voltar à India sem levar comigo um objecto que trouxe de lá e ao qual tenho um grande apêgo. É uma esfera de aço...

Charles Read recuou a cadeira e, de pé, quedou um largo instante a fitar Crisnam, que se interrompeu ante o seu brusco movimento. O «detective» poude, enfim, articular:

— O senhor falou numa esfera de aço?

— Exactamente — corroborou o hindú, com grande placidez. — Uma bola de aço... — Uma bola de aço... Já depreendi, por uma conversa superficial que tive com o seu ajudante, que o senhor se ocupa neste momento de um assunto muito semelhante, se acaso não é o mesmo...

— Não é o mesmo; não é, com certeza — pronunciou Charles Read, tornando a sentar-se e readquirindo a sua calma.

Mil pensamentos, porém, tumultuavam no seu cérebro. Estava na presença de outro homem que se dizia legítimo possuidor da esfera que o milionário afirmava ter comprado por seiscentos mil dólares. Quem teria sido o primeiro detentor daquele objecto tão cobiçado? John King ou o hindú? E em que mãos se encontraria agora?

— Há quanto tempo deixou de ter a bola de aço em seu poder? — inquiriu êle, de chofre.

— Há uns seis anos, pouco mais ou menos — respondeu Crisnam Raicar.

Read raciocinou, num relâmpago, que era o hindú o primitivo dono da esfera.

— E vendeu-a ou roubaram-lha? — preguntou, ansioso.

— Roubaram-ma! — exclamou o homem trigueiro, saindo pela primeira vez da sua calma. — Roubaram-ma!

O polícia, apesar da sua grande comoção, não deixava de observar o seu interlocutor, que quebrara por instantes a sua placidez de oriental e se mostrava tão perturbado, que dir-se-ia terem assomado aos seus olhos negros umas lágrimas indiscretas.

Acudiu-lhe sùbitamente uma pregunta.

— E de quem são êstes cabelos que me entregou?

— Suponho que do ladrão; ladrão e assassino — respondeu Crisnam Raicar. — Foram encontrados nas mãos do meu criado, que, supõe-se, ao lutar com o criminoso ou criminosa, lhos arrancou, antes de ser apunhalado.

Aquela simples esfera de aço começava a assumir no espírito de Charles Read gigantescas proporções. Principiava a revestir-se de uma auréola sinistra.

— Estamos, portanto, em presença de um duplo crime: roubo e assassino. — Calou-se um momento. Depois, falando mais para si do que para o visitante, dizia entre dentes: — Claro que um exame ao local do crime, seis anos depois, é inutil.

— Absolutamente inutil — concordou Raicar. — Aliás, as autoridades estiveram lá, examinaram tudo. O único indício tangível que se encontrou foi a madeixa de cabelos nas mãos do pobre Bill. Quanto ao mais, nem impressões digitais, nem fechaduras forçadas...

— E que averiguaram então as autoridades àcêrca da esfera?

O outro teve um sorriso ambíguo e disse:

— Nada.

— Mas...

— ...mas eu nunca me queixei de que me faltava a esfera de aço — acrescentou Crisnam Raicar.

Read lançou-lhe um olhar de assombro.

O hindú, com o seu sorriso enigmático, ajuntou:

— Não me convinha, oficialmente, acusar a falta dêsse objecto. Limitei-me a apresentar queixa do furto de várias jóias que o criminoso levou de caminho... Supozeram os investigadores adivinhar a falta que êle me está fazendo?

Calou-se. Charles Read estava absolutamente desconcertado. Aquele homem erguia na sua frente a mesma barreira de mistério em que John King o fizera esbarrar também. Não havia pessoas suspeitas, não havia indícios seguros, não havia instintos claros. A esfera rolava por êsse mundo, fazendo vítimas na sombra, despertando ambições inconfessadas, gerando tenebrosas manobras secretas. Era de fazer enlouquecer um investigador.

— Claro que estou disposto a fixar-lhe honorários magníficos... — insinuou o visitante, com um sorriso gentil. E tirando do bôlso um envelope fechado, murmurou, untuoso, entregando-o ao polícia: — Creio que vinte mil dólares para dar começo às suas investigações devem chegar. Está aí dentro a minha direcção e o meu telefone. Estou pronto a dar-lhe os esclarecimentos necessários. É só dar as suas ordens...

Read, num movimento instintivo, repeliu o sôbrescrito, dizendo:

— Faremos contas no fim.

O hindú não teve coragem de insistir. Murmurou apenas:

— Como queira... Não serei homem para regatear. — E estendendo-lhe a mão: — Dê-me as suas ordens.

O polícia apertou-lhe a dextra ossuda e delicada.

— Até breve — disse êle, sombriamente.

O hindú tomou o seu chapéu, fêz uma vénia e encaminhou-se para a porta, seguido com deferência pelo «detective». No momento, porém, em que lançava a mão ao puxador, uma pregunta ocorreu a Charles Read.

— Um pormenor ainda, «mister» Raicar. Que contém a esfera de aço?

Um sorriso, o tal sorriso enigmático, aflorou aos lábios do estrangeiro.

— Como lhe disse — respondeu êle — a esfera é perfeitamente lisa e fechada. Como posso eu saber o que ela contém?

Read não poude articular palavra. O outro retirou-se ainda, com uma vénia.

Quando se sentiu só no gabinete, Charles Read soltou uma praga. Aquele hindú usara quási o mesmo palavriado que John King. O mistério da esfera de aço era fechado, impenetrável, como uma autêntica esfera...

(Continua)

## QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Os leitores de «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» vão ter uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao dia 31 de Março nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três preguntas ligadas com a acção do romance:

1.º — Quem roubou a esfera misteriosa?
2.º — Onde está a esfera misteriosa?
3.º — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.
2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das preguntas.
3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das preguntas.

A COMISSÃO MIXTA LUSO-BRASILEIRA para o tratado do comércio entre Portugal e o Brasil que procedeu ao estudo da organização corporativa do vinho do Pôrto, à sua chegada à estação de S. Bento, na capital do Norte.

O DESASTRE DE PEARL HARBOUR: O cruzador norte-americano «Arizona» afundando-se com a bandeira hasteada, após ser torpedeado pelos japoneses.



# Classificação da guerra actual

**pelo Ten.-Coronel LELLO PORTELLA**

*(Continuação da página treze)*

Portugal, é 90 % atlântica e 10 % continental europeia.

Idênticas conclusões se poderiam tirar, se fôssemos analisar a posição das peninsulas itálica e escandinávica. Tal análise e estudo não cabem porém dentro do âmbito restrito dum só artigo.

d) **Conclusão**

Se fôssemos agora observar o que se passa no continente asiático, verificar-se-ia que aqui também os interêsses dos seus povos são igualmente diversos e muitas vezes opostos.

Estarão os povos aisáticos unidos no mesmo ideal, ou na defesa de um interêsse comum económico? Não.

A China está-se batendo contra o Japão. Uma guerra que começou em 1931, e que foi provocada por motivos idênticos aos da guerra europeia: expansão político-económica e espaço vital.

Aqui também se desenvolveu a luta contra o patriotismo das comunidades nacionais.

As Indias e a Rússia, defensoras da idéia nacional, juntam os seus esforços num bloco, em oposição ao Japão, que representa a idéia da raça privilegiada com direitos preferenciais de hegemonia.

Só no continente australiano e americano não surgiu ainda conflito entre as nações que os constituem por não haver ali povos que pretendam impôr o «privilégio social» e aumentar o seu «espaço vital».

E por esta razão os seus povos se unem solidàriamente na defesa do ideal comum: liberdade nacional e respeito pela independência alheia.

Deve portanto concluir-se que não se pode considerar êste conflito como uma guerra entre continentes, mas antes como uma luta entre duas concepções diferentes do «Direito».

Na constituição dos dois blocos que actualmente se opõem não existe homogeneidade, nem de raça nem de religião, nem de ideologia social ou de civilização, apenas existe uma associação de fôrças materiais, com o fim de obter satisfação de interêsses materiais e engrandecimentos territoriais.

Estes dois blocos encontram-se reünidos em volta de dois princípios de ordem moral — com duas atitudes diferentes.

Em volta do primeiro, com atitudes ofensivas, reüniram-se os povos que invocam o princípio do «espaço vital» e do «privilégio racial» que dá a certos povos o direito de dirigirem os outros; e em tôrno do segundo, em atitude defensiva, congregaram-se os povos que pretendem defender o princípio da liberdade nacional e o direito de cada povo dispôr de si próprio.

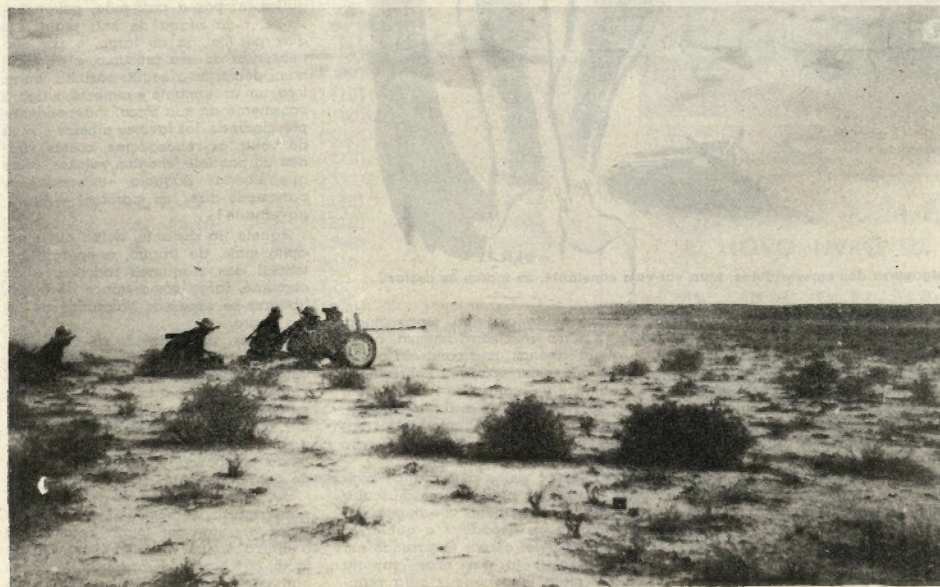
A luta trava-se não de continente contra continente, mas através de todos os continentes, pois em cada um dêles existe espaço vital a reclamar.

Esta guerra não é, portanto, uma guerra intercontinental, mas sim uma guerra integral e universal que tende a envolver todos os continentes.

Guerra total e mundial.



ALMÔÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO dos sócios antigos e modernos do Clube Naval de Lisboa.

# A luta no deserto da ÁFRICA DO NORTE

**VÁRIOS ASPECTOS DA ACÇÃO DAS TROPAS ITALIANAS** em operações ao lado das fôrças germânicas, na Cirenaica. De cima para baixo: artilharia anti-tank em acção no deserto; um soldado bebendo água num momento em que a luta dá tréguas; oficiais do Estado Maior observando o campo de batalha; e uma acção de conjunto.

# EMIGRANTES

## PARTIDA DO PAQUETE

*por Teixeira Leite*

A partida estava anunciada para as três. Quando cheguei ao cais, já êste transbordava de gente.

Cá fora, a extensa e interminável fila dos que compram a senha de admissão a bordo, a despedir-se dos que vão. Lá, está um agente da autoridade para manter a ordem, o que se tornava desnecessário, pois que esta e disciplina não faltam. O que há, é uma aflição, um receio de chegar tarde, de já não ir a tempo.

Compra-se o bilhete à pressa, paga-se à pressa, entrega-se o mesmo nervosa e apressadamente ao empregado da Companhia, junto à porta de grades — e nem se espera pela outra metade que aquele-outro rasgou, para dar ingresso no pequeno recinto reservado aos que embarcam, atropelando e empurrando, quando não pisando, êste e aquele, até cair nos braços do amigo ou parente que vai — sabe-se lá com que demora...

Lá dentro, pessoas de tôdas as categorias e tons.

O barulho, ensurdecedor. A algazarra dos carregadores, num vai-vem constante, as malas às costas, ajoujando ao pêso da carga o largo arcabouço, «com licença, com licença», «o cavalheiro dava-me licença?», «ó minha senhora, deixava passar!», e assim por diante — mistura-se o ruído das zorras rodando no empedrado, o businar contínuo e enervante dos automóveis, os «claxons» roufenhos dos camiões lá fora e os guindastes descarregando contínua e ininterruptamente no porão do barco, sorvedouro medonho, estômago insaciável de gigante — dir-se-ia tamanha bôca escancarada, em orgia sardanapalesca, à espera sempre de algum bocado mais...

Por sôbre isto, ainda, o «bruá-bruá» animado das conversas.

O entusiasmo, que não tardará a converter-se em tristeza, está agora no auge.

Há grupos numerosos. Conversa-se enquanto não chega a hora. «Faltam ainda vinte minutos, excelentíssima senhora!» — elucida um cavalheiro para uma matrona que lhe pergunta pelas horas, um dêstes prestáveis e amáveis cavalheiros, que ainda os há para as ocasiões precisas, a-pesar-de quanto digam para aí, cavalheiro respeitável, grave, alto e sêco, muito magro mesmo, a luneta de ouro espetada, cavalgando o nariz imenso — não dêstes que se possa dizer «meia-idade», como se lê hoje em dia nos anúncios das gazetas, mas daqueles para quem os prazeres mais secretos da vida já passaram há muito por falta de armas com que vir a terreno nos torneios amorosos.

Aqui, conversa-se àcêrca das novas «toilettes» de verão, do vestido de baile que a Mimi mandou fazer, do casaco de peles que a Odette comprou para o casamento da prima...

Não há dúvida: é uma secção de loja de modas.

Perto de mim, dois velhotes; ela já passante dos sessenta, vestido todo preto, óculos de hastes em metal, os sapatos cambados; êle, mais moço decerto, a avaliar pela figura desempenada de militar reformado, pescoço de grou, entalado nuns colarinhos grossos de goma, alto e tostado (das campanhas em África) (1), o vestuário uma incarnação viva da Tôrre de Babel, um paletó alvadio, bastante coçado, a esfiar-se já nos cotovelos, a gola ensebada, calça de lustrina, com joelheiras, as guias do bigode, frisado, «à Kaiser», amarelas do cigarro barato, pendente, tem um risinho alvar, em que mostra os dentes ralos e cariados, negros do fumo, quando fala do exame de instrução primária que o neto realizou com distinção.

Aproxima-se a hora da partida.

Já o guindaste parou a sua labuta extenuante e ingrata de atirar lastro para as entranhas do monstro inerte, impassível sempre. Já a multidão se comprime mais e mais, apinhados uns de encontro aos outros.

Cavalheiros e senhoras cruzam-se incessantemente numa aflição louca, só semelhante à desgraça, com receio de chegar já tarde, como quem se apressa para a primeira sessão de qualquer espectáculo de gala. Atropelam-se, pisam-se, apertam-se, empurram-se e, contudo, não há um único protesto, não se levanta sequer um queixume ou se esboça um gesto de revolta. Não! E para quê? Todos estão ali para o mesmo; não têm outro fito que não seja o de se despedirem daqueles que lhes são queridos ou, pelo menos, gratos.

A algazarra dos carregadores, num vai-vem constante, as malas às costas...

Agora, de pouco valem as pressas. Já não se pode entrar a bordo. «A entrada já foi vedada» — exclama um sujeito, o boné agaloado de ouro, estendendo o braço, a impedir a passagem.

Neste momento trata-se de carregar as últimas coisas. Não há tempo a perder. É despachar.

O trabalho dos carregadores apressa-se. Caixotes à cabeça, embrulhos debaixo do braço, sacas ao ombro, passam rápidos, lestos como sombras, os rostos esbagoados em suor, que o calor aperta — e então àquela hora.

Agora, é um carrejão, moço ainda, que empurra uma zorra imensa, busto de atleta, apenas uma camisola pouco menos que esfarrapada a cobrir-lhe o tronco nú e musculoso de hércules, em que se adivinham, mal encobertas, carnações nervosas e nodosidades salientes de gladiador, de homem rijo afeito aos rudes mesteres.

Um outro, o dorso curvado, os bicípites contraídos num esfôrço muscular estupendo, os deltóides a saltarem-lhe dos ombros, as espáduas a quererem furar-lhe a pele, o suor escorrendo em baga, camisa já em tiras, suporta enorme mala, que conduz pela prancha de serviço rangendo ao pêso da carga, para o convés de terceira classe.

Todo outro ruído deixa de se ouvir por instantes, para se perceber apenas o zum-zum monótono, enfadonho, das conversas, menos sonoras nesta altura, porém mais apressadas.

Chegou, finalmente, a hora. É a partida!

Fazem-se as últimas despedidas; há abraços apertados, beijos chilreados, apertos de mão nervosos, sorrisos murchos de quem faz por se mostrar forte em tais circunstâncias.

Embarcam os últimos, os retardatários, aqueles que hão-de, fatalmente, ir sempre no fim, seja aonde fôr, cinema ou teatro. Tiram-se as pranchas, sobem-se as escadas de bordo, soltam-se amarras...

É agora; as campaínhas retinem; ouve-se a sereia soar repetidas vezes.

A barcaça, gigantesca, faz ouvir seguidamente um silvo estrepitoso, a que respondem outros, e começa, então, a mover-se lentamente, pesadamente, muito ronceira, a grande moinante!, como que acordando da longa sesta em que parecia mergulhada, qual gibóia dormitando ao sol, após haver engulido gazela inteira — para acudir, estremunhada, à chamada daqueles importunos, os grandes ralaços...

De bordo, esboçam-se nalguns rostos sorrisos, não se sabe se de contentamento dos que partem, despreocupados, sem cá deixar alguém, se de mágoa dos que deixam saüdades...

Os rebocadores principiam a faina de arrancar à inércia o monstro, que parece ainda espreguiçar-se do comprido torpor em que, por tempos, jazera, refazendo-se agora, aos poucos, à medida que se vai afastando de terra aos repoupos, de esguelha, como que desconfiado...

Afasta-se, afasta-se, muito de manso, ainda de lado, até seguir em linha recta, os rebocadores sempre atrás, fingindo persegui-lo, e tão tamaninos ao pé dêle, do colosso — máquina ingente! — assemelham-se a patinhos num lago de águas límpidas e tranqüilas, empós a pata-mãe, pavoneando-se, tôda ufana de sua prole... té que, por fim, já ao largo, e por não necessitar do seu préstimo, o abandonam, deixando-a seguir sòzinha, barra fora, um ar flamante e majestoso, agora consciente da sua fôrça, independente, prescindindo dos favores alheios... E, já de volta, os rebocadores, costas viradas ao paquete, chegam velozes, como que libertos daquela «estopada», e parecendo dizer, os marotos: — Agora, governa-te!

Aquele, já distante, deixa ouvir um apito mais, de triunfo, a energia potencial das máquinas redobra, e da chaminé, larga como tronco de cedro, libertam-se espessas baforadas de fumo negro.

Do cais, uma aluvião de côres variegadas, que se agitam, se movem em direcções várias, como se tivessem vida, chapéus no ar, mãos erguidas em gestos de despedida, lenços a acenar, a multidão que se comprime mais e mais à beira-mar, no intuito de ver ainda um pouco, e em grandes riscos de cair à água...

De bordo, corresponde-se — miscelânea confusa de rostos, braços levantados a gritar por forma bem visível o último adeus (e quem sabe, se de facto, não será o derradeiro?!), lenços agitando-se em muitas direcções, faces aflitas que assomam a uma vidraça,

em busca duma nesgazita donde se possa enxergar ainda um poucochinho...

Deus os leve em bem!... — murmura a meu lado uma velhinha, olhando-me com uns olhos humedecidos, respirando volúpia; face bondosa de avó, expressão de mártir, fixo-a em silêncio, meditativo, pensando quantos invernos não terão passado por sôbre êste pobre corpo enrugado como maçã camoesa, e que saüdade a não pungirá agora à despedida...

Durante algum tempo, enquanto o paquete não se afasta por completo, é êste namôro. De cá, olha-se e fazem-se sinais; de lá o mesmo jôgo — té não se perceber mais que a mole gigante de madeira e ferro, um círculo de espuma à cauda, flocos de baba açoitado-lhe os flancos; à frente o espelho verde-negro das águas, rebrilhando ao sol como centelhas de cristais finíssimos, lembra espadas de heróis fulgurantes em tarde de vitória...

Já prestes a passar a barra, vai deixando para trás sucessivamente o casario de Alfama, que ora se avista, a vetusta Mouraria, a típica Graça, enxameando de casas; lá ao alto, o Castelo e mais o Hospital de São José jogando as escondidas; as portas de Santa Luzia a espreitarem cá para baixo; o miradouro da Senhora do monte, reclinada ao alto, num raio de sol, lembra noiva graciosa a debruçar-se para o rio, em tarde de esponsais...; a Basílica da Estrêla, erguida bem ao alto, dominando as alturas circunvizinhas, e tão espècada que parece muda de espanto; as casas do bairro de Alcântara, sujas e velhas. E a Tôrre de Belém, carregada de anos, agora mais branca e imponente, os revérberos do sol a esculpirem chispas de oiro nas faces, dá a impressão de querer afastar-se para ceder passagem ao recém-chegado...

O sol, a pino, escalda, queima como moscardos ávidos de sangue, figura-se-me mesmo ter mais brilho; e o oceano, tapete infinito de água, mar imenso de prata, calmo, bonançoso, sossegado, todo êle remanso, parece afirmar-nos o feliz augúrio da dôce velhinha.

E êle, vagaroso, seguro de si mesmo, agora mais pequeno, uma extensa fita de espuma a marcar-lhe o percurso, um fiozito de fumo a esbater-se no azul do céu como as espirais dum cigarro, lá vai...

Julho de 1941.

GRUPO DE JOGADORES DE «GOLF» inglêses e portugueses que disputaram recentemente um desafio no campo de Miramar.

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da) — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



ASSISTENTES À RECEPÇÃO dada no Consulado do Brasil no Pôrto aos membros da Comissão Económica Mixta Luso-Brasileira.

**O ALMIRANTE SIR ANDREW CUNNINGHAM**, comandante-chefe da esquadra britânica do Mediterrâneo, fotografado a bordo dum dos seus barcos de guerra com Sir Walter Monckton, delegado especial do govêrno inglês no Próximo Oriente.